

**FAVELA É MODA: QUANDO EXISTÊNCIAS PERIFÉRICAS
ADENTRAM O MUNDO DA MODA**

***Favela is Fashion: when peripheral existences
enter the fashion world***

***Favela es Moda: cuando las existencias periféricas
entran al mundo de la moda***

Cristiane Maria Medeiros Laia¹

¹ Doutoranda no PPG Artes, Culturas e Linguagens do IAD/UFJF. Mestre pelo PPG em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da FEBF/UFJF. Licenciada e Bacharel em Educação Artística pela UFJF. Professora de Artes. Costureira e criadora da Cris Maria Atelier de Criação. E-mail: crismlaia@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4499749890015517>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9720-2570>

RESUMO

A mediação entre a favela e as passarelas de moda da zona sul do Rio, proposta pela Jacaré Modas - uma agência de modelos criada na favela do Jacarezinho - que é trazido no documentário *Favela é Moda*, incita um agenciamento de conceitos e ideias vindos de perspectivas diversas, para pensar o caminho favela-passerela pelo seu aspecto de biopoder. As Revoluções Moleculares e as Máquinas de Guerra de Guattari e Deleuze, a teoria do Perspectivismo Ameríndio oferecida por Eduardo Viveiros de Castro e o seu desdobramento na ideia de Comunicação pelo Equívoco, sugeridas por Evandro Medeiros e Lara Linhalis, embasam uma leitura sobre esse fenômeno de deslocamento de corpos periféricos para lugares não previstos para eles.

Palavras-chaves: Moda; Periferia; Favela é Moda

Abstract

The mediation between the favela and the fashion catwalks of the south zone of Rio, proposed by Jacaré Modas - a modeling agency created in the Jacarezinho's favela - which is shown in the documentary *Favela é Moda*, incites an agency of concepts and ideas coming from different perspectives, to think about the favela-walkway path through its biopower aspect. The Molecular Revolutions and War Machines of Guattari and Deleuze, the theory of Amerindian Perspectivism offered by Eduardo Viveiros de Castro and its unfolding in the idea of Communication through Equivocation, suggested by Evandro Medeiros and Lara Linhalis, support a reading on this phenomenon of displacement of peripheral bodies to places not foreseen for them.

Keywords: Fashion; Periphery; Favela is Fashion

Resumen

La mediación entre la favela y las pasarelas de moda de la zona sur de Río, propuesta por Jacaré Modas - agencia de modelos creada en la favela de Jacarezinho - que aparece en el documental *Favela é Moda*, incita a una agencia de conceptos e ideas provenientes de diferentes perspectivas para pensar el camino de la favela-pasarela a través de su aspecto de biopoder. Las Revoluciones Moleculares y las Máquinas de Guerra de Guattari y Deleuze, la teoría del Perspectivismo Amerindio ofrecida por Eduardo Viveiros de Castro y su desdoblamiento en la idea de Comunicación a través del Equívoco, sugerida por Evandro Medeiros y Lara Linhalis, sustentan una lectura sobre este fenómeno de la desplazamiento de los cuerpos periféricos a lugares no previstos para ellos.

Palabras-claves: Moda; Periferia; Favela es Moda

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo é um recorte da minha pesquisa de doutorado que está em curso. E que é movida pelo interesse na entrada da heterogeneidade de corpos e estéticas no mundo da moda, e para as fissuras que a quebra de hegemonia, que é visual, mas também simbólica e concreta, causa nesse circuito e nos espaços sociais, de forma geral. Com olhar atento para o aspecto de biopoder contido nesses movimentos de deslocamento de corpos para lugares não previstos para eles, na divisão colonial de lugares no mundo.

Inicialmente, uma espécie de cartografia de situações dessa ordem é empenhada e define os movimentos que vem compor nessa construção. A escolha bibliográfica permeia todo esse processo e a discussão é fomentada pelo desejo de não privilegiar apenas uma perspectiva ou modo de entender o mundo e suas relações. Transitando, assim, entre conhecimentos firmados em bases eurocentradas, em saberes diaspóricos e em traduções que nos aproximam das cosmologias dos povos originários. Uma possível alternativa de leitura dos fenômenos do mundo a partir de ideias não exclusivamente ocidentais que, já esgotadas em alguns aspectos, muitas vezes não dão conta da diversidade e da multiplicidade de existências que o compõem.

Além disso, dado que as situações pesquisadas que causam tais fissuras em espaços hegemônicos de privilégio e seus desdobramentos, geralmente se erguem das margens, das periferias, dos lugares do mundo onde as minorias constroem suas existências. Abordar tais fenômenos a partir não só de perspectivas eurocentradas, como de abordagens inspiradas em formas de entender e ler o mundo desalinhadas dessa lógica, nos parece condizente nessa proposta geral de pesquisa.

Disso, o recorte que desenvolvemos aqui diz respeito a inserção de corpos periféricos (no caso, da Favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro) nas passarelas de moda da zona sul dessa cidade. A partir do que o documentário *Favela é Moda* traz em sua narrativa Com foco nas negociações que acontecem nesse percurso e que, mediadas pela agência de modelos Jacaré Moda, torna possível um acesso antes impensável, dadas as distâncias geográficas, conceituais, simbólicas e referenciais dos dois lugares.

Para tanto, nos amparamos, especificamente nesse recorte, nas ideias de *Revolução Molecular* e *Máquinas de Guerra*, desenvolvidas por Félix Guattari e Gilles Deleuze, na *Teoria do Perspectivismo Ameríndio*, oferecida por Eduardo Viveiros de Castro e no seu desdobramento, proposto por Evandro Medeiros e Lara Linhalis, a partir do desenvolvimento do conceito de *Comunicação pelo Equívoco*.

A primeira parte do desenvolvimento do artigo traz, de forma sucinta, o que é narrado no documentário *Favela é Moda*. Na segunda parte discutiremos sobre as construções conceituais de Guattari e Deleuze às quais nos aportamos aqui. Na terceira parte

apresentamos a teoria do perspectivismo ameríndio e o conceito de comunicação pelo equívoco. Na quarta parte propomos pensar as negociações que acontecem no caminho favela-passarela a partir do agenciamento dos conceitos trabalhados anteriormente. Por fim, trazemos as considerações finais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Favela é Moda

Favela é Moda é um documentário brasileiro de Emílio Domingos que, lançado em 2019, veio compor com outras duas produções do mesmo diretor, “A Batalha do Passinho” e “Deixa na Régua”, o que ele próprio chama de *Trilogia do Corpo* - “uma sequência sobre práticas corporais das juventudes das favelas e periferias cariocas”. (DOMINGOS, 2019, p.15)

No circuito do corpo e seus lugares e não-lugares nas cidades, *Favela é Moda* mostra a história e a atuação da Jacaré Moda, uma agência de modelos criada na comunidade do Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro. Em uma narrativa que parte da história pessoal de Júlio César - morador da favela e criador da agência - e se desdobra na história coletiva de toda uma comunidade que, como muitas outras nas periferias do Brasil, resiste às tentativas de apagamento de seus corpos, estéticas, subjetividades e diferenças, por meio da invenção cotidiana da vida.

Trabalhar com moda, por meio do estudo ou da inserção nesse mercado, era um sonho que acompanhava Júlio César desde menino e que não pôde ir adiante na juventude, pela impossibilidade de seguir com os estudos além do ensino médio, pela necessidade de entrar muito cedo para o mercado de trabalho e pela própria localização geográfica em que seu corpo se situava enquanto existência, na extensa e desigual cidade do Rio de Janeiro. Ao invés da moda, o trabalho nas portarias de prédios da zona sul do Rio foi a parcela destinada a ele, enquanto forma de subsistência. No âmbito do desejo, no entanto, incapturável pela realidade excludente do lado de fora, a moda continuou sendo a sua medida. E foi trabalhando como porteiro de prédios, que ele conseguiu mapear uma forma de alcançar o que de fato buscava, ao garimpar revistas de moda nos lixos que recolhia dos apartamentos.

A leitura frequente desse material foi a sua primeira forma de estudar o tema. E foi o que, de fato, o levou a situar o recorte de seu interesse dentro do mundo da moda: a ausência de corpos negros e a semelhança do porte e da beleza das modelos das revistas e das meninas da favela, que não passaram despercebidos aos olhos de Júlio, o convoca-

ram a criar uma agência de modelos na sua comunidade. Com o objetivo de abrir acesso aos corpos periféricos às passarelas, às revistas e a todo aquele mundo que parecia restrito, até então, aos corpos que seguiam padrões eurocentrados de existência.

A organização de desfiles na comunidade foi a primeira ação concreta que ele propôs. E é com essa cena que o documentário se inicia, em um barracão de samba do morro, onde aconteciam as seleções das meninas que, posteriormente, eram encaminhadas para as agências da zona sul do Rio. Agências que, àquelas alturas (primeira década do século XXI), para atender a demandas de mercado/representatividade/legalidade, já buscavam por corpos que se diferenciavam das formas padronizadas pelo próprio mundo da moda, para comporem seus desfiles - muito embora, não tivessem (e muito menos que agora) noções básicas de como trabalhar na diferença sem impor (proposital ou simplesmente por seguir a toada de muitas décadas) a redução de tais diferenças. A partir dessa seleção e direcionamento, Júlio saía de cena e os contratos, contratações, trabalhos, acordos financeiros e todas as ordens eram feitas entre as meninas e as agências.

Com o passar das edições dos desfiles, no entanto, Júlio percebeu que pouco tempo depois de entrarem nas agências, muitas meninas voltavam, tendo realizado um ou nenhum trabalho por lá. E trazendo como experiência propostas de remunerações mais baixas do que as praticadas usualmente na relação com os corpos brancos e não periféricos, ou, não raras vezes, sugestões de trabalho gratuito em troca de experiência.

A maioria delas, de fato, nunca tinha feito nenhum trabalho publicitário ou de outra natureza no mundo da moda, e muitas sequer já haviam se deslocado até a zona sul do Rio, antes de seguirem para as agências. O que era, sem dúvidas, um entrave para a chegada nesses lugares. Seja pela questão logística em si, seja pelos outros acessos que eram, então, restritos pela falta de referenciais. Como resultado, elas já partiam de um lugar de desvantagem em relação às modelos que vinham de outros espaços sociais e geográficos. E a ausência desses e de outros códigos necessários para que o seu trânsito fosse autorizado nesse novo lugar, era uma lacuna que o outro lado preenchia com o preconceito, sob a mais comum das justificativas: não se encaixa no perfil.

Diante disso, Júlio percebeu que era necessária uma mediação mais incisiva, um suporte que tornasse possível não só a chegada das meninas no mundo da moda, mas sua permanência lá. As ações foram então ampliadas e os desfiles, antes restritos às meninas, passaram a abranger também os meninos (ambos cis ou transgêneros). Além disso, na sequência de suas edições, os selecionados eram acompanhados durante algumas semanas por profissionais multidisciplinares, em encontros que aconteciam na própria comunidade e onde recebiam, além de apoio psicológico e social, aulas de história do Brasil e dos processos de colonização e formação das favelas no Rio, workshops de fotografia, modelagem e conteúdos digital, aulas de etiqueta, moda e passarela, instruções legais sobre relações e

contratos de trabalho. Participavam ainda de rodas de conversa sobre violência sistêmica, racismo estrutural, entre outros. Instruções que partiam de referenciais conhecidos por eles na comunidade, e que se estendiam, em um segundo momento, à apreensão de conhecimentos novos e necessários para atravessarem a ponte até o outro lado da cidade. Cientes do que precisariam negociar, do que talvez poderiam deixar para trás, e daquilo que não poderiam abrir mão nesse caminho e no outro mundo que acessariam. Essa nova abordagem resultou na criação da Jacaré Moda, com o conceito “Moda Resistência”, cujo trabalho se estendeu também para outras favelas do Rio de Janeiro.

Dessa forma, sob o agenciamento de uma estrutura criada e erguida dentro do próprio mundo de onde esses corpos periféricos emergiriam para outros, muitos desses modelos tiveram garantidos, pela primeira vez, seus direitos legais de trabalho. O que impôs as primeiras barreiras às propostas exploratórias, muitas vezes empenhadas em reproduzir o sistema de colonização de corpos e existências no circuito de um Brasil ainda tão desigual.

Em uma edição que harmoniza utopia e pé no chão, *Favela é Moda* narra essa saga deixando à mostra as dificuldades desse caminho, mas sem esconder as belezas desse movimento. O que suscita em nós, o desejo de pensar a chegada desses corpos periféricos nas passarelas de moda, como uma imprevisão que causa rasgos nesse circuito. Que balança, de alguma maneira (que é visual, é simbólica e é também concreta) a relativa homogeneidade que o mundo da moda (sobretudo a de passarela e grife) ainda nutre, mesmo quando o mundo dá sinais de um certo esgotamento nesse sentido.

2.2 Revoluções Moleculares e Máquinas de Guerra

Quando o *Favela é Moda* suscitou em nós o desejo de pensar o caminho favela-passarela a partir do seu aspecto de biopoder, pensamos de imediato nesse movimento como uma molécula de revolução à moda Guattari.

Na segunda metade do século passado, Félix Guattari nos ofereceu o conceito de revolução molecular, para nos dizer das lutas que ele entendia que eclodiriam em um futuro não distante, como uma resposta, como o resultado da insatisfação dos desprestigiados (as minorias) em relação as desigualdades promovidas pelo sistema capitalista global. Desigualdades que, para ele, além de sociais e econômicas, eram também do âmbito simbólico e tocavam, portanto, no que diz respeito aos intentos empenhados em reduzir as multiplicidades de existências, de corpos, de perspectivas, de modos de vida. Assim como ao achatamento das diferenças como tentativa de manipulação das massas, sobretudo as periféricas. Essas lutas, segundo Guattari, ultrapassariam o âmbito social em si, como era

entendido até então, e alcançariam reivindicações do campo do desejo, das liberdades, dos novos questionamentos da vida cotidiana. Do direito à diferença. Formas que ele agrupou no registro de revolução molecular.

Ninguém é capaz de definir, hoje, o que serão as futuras formas de coordenação e organização dos futuros movimentos revolucionários, mas o que parece evidente é que implicarão, a título de premissa absoluta, no respeito à autonomia e à singularidade de cada uma de suas componentes. (GUATTARI, 1987, p.222)

Por revolução molecular entendemos as lutas que não são globais, mas pontuais. Moleculares e espalhadas por todo o mundo. Empenhadas, cada uma à sua maneira, em resolver questões determinadas de suas realidades e não em criar resoluções globais, porque globalizar é também reduzir. Que focam no direito de existir na diferença, em resolver problemas muitas vezes imediatos, em dar vazão a demandas que o sistema global ignora e que as políticas públicas raramente alcançam. Porque elas generalizam. Dizem respeito a invenções cotidianas para driblar as exclusões, as dificuldades de muitas ordens, a impossibilidade de determinados acessos. E criam linhas outras que possibilitam o que era impossível, tornam viável o inviável, muitas vezes criando até mesmo outras ideias de viabilidade.

As revoluções moleculares são, assim, levantes que se erguem dos lugares de exclusão. Das margens do sistema. Para reverter, de alguma maneira, os danos desse processo. Para garantir que sobrevivam e que vivam, física, conceitual, metafórica e simbolicamente os sujeitos desses lugares. Guattari, à época do desenvolvimento desse conceito, sugeriu que seriam as periferias os lugares que já gestavam, àquelas alturas os agentes dessas revoluções. A esses agentes ele nomeou, em parceria com Gilles Deleuze, máquinas de guerra.

Definimos a 'máquina de guerra' como um agenciamento linear construído sobre linhas de fuga. Nesse sentido, a máquina de guerra não tem, de forma alguma, a guerra como objeto; tem como objeto um espaço muito especial, espaço liso, que ela compõe, ocupa e propaga. (DELEUZE, 1992, p.50)

Não sendo a guerra clássica o objeto dessas máquinas, podemos dizer que a palavra guerra aqui se refere ao sentido mais revolucionário que ela pode adquirir: o de ser um movimento que contesta o que se tem definido como padrão e que busca novas formas de se entender o que antes só poderia ser entendido de um jeito; que significa resistência ao que é imposto, questionamento ao que foi instaurado previamente sem discussão. São guerras empenhadas na busca pelo direito de "tomar conta do estúdio da realidade, de tomar das mãos daqueles que estão inventando a realidade pra nós, a possibilidade da gente inven-

tar a realidade”.² Assim, segundo eles, “uma máquina de guerra pode ser revolucionária, ou artística, muita mais que guerreira” (DELEUZE, 1992, p.47), já que atua no âmbito do pensamento, promovendo mudanças e revoluções certamente maiores que as guerras onde se derramam sangue e vidas.

As máquinas de guerra são, assim, o conjunto das circunstâncias e dos sujeitos que, se subjetivando em meio a exclusão social, política e econômica, entre tantas outras, resistem, ao longo dos séculos, às tentativas de apagamento das mais diversas ordens. Aqueles cujas cores, traços, cabelos, texturas e existências se desalinham das formas eu-rocentradas de entender o mundo, visual, conceitual e politicamente falando. As minorias, o povo das margens, das periferias, dos guetos, dos sertões, das favelas.

Nesse agenciamento de ideias que propomos, pensamos a relação Máquinas de Guerra - Revolução Molecular, como um processo circular, em que um gesta e nutre o outro, levando-se em conta que, ao transformar o cotidiano, a realidade em que se empenha, as revoluções moleculares alimentam mais que a necessidade do momento, mas a potência de transformação em si. Assim, à medida em que as máquinas de guerra promovem as revoluções moleculares, essas produzem máquinas de guerra incessantemente, ao colaborarem para “a criação de máquinas revolucionárias políticas, teóricas, libidinais, estéticas, capazes de acelerar a cristalização de um modo de organização social menos absurdo que o atual”. (GUATTARI, 1987, p.225)

Sendo circulares e alimentando a potência de transformação em si, à medida em que vão acontecendo (revoluções e a formação de máquinas de guerra), vão sendo cavados espaços para a instauração de outras moléculas de revolução. Que são, na verdade, o chão da potência de transformação. Nessa perspectiva, se essas aberturas não acontecem por meio da violência, acreditamos que certamente existem nesse processo espécies de negociações. E que elas se apresentam como necessidade, ou seja, são possíveis de acontecer quando as múltiplas vozes existenciais se apropriam das brechas deixadas pelos discursos uníssonos de mundo. Aí fica impossível, à uma perspectiva dominante, não olhar para a diferença.

Isso nos leva a inserir na circularidade Máquinas de Guerra - Revoluções Moleculares, as negociações. Que incluem, nesse circuito, recuos e avanços não mais só das diferenças, mas também das perspectivas dominantes.

² Fonte: <http://grupodeestudosdeleuze.wordpress.com/2012/06/06/caosmose-1/>

2.3 Negociações

Seguindo a lógica da Virada Ontológica da Antropologia, que propõe trazer conceitos (ou análogos disso) de outras ontologias, outros modos de existência, para pensar o mundo ocidental, apropriando-se da diferença, numa inversão radical de sinal da produção teórica, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro nos oferece a Teoria do Perspectivismo Ameríndio. Fruto de suas vivências com alguns povos ameríndios da Amazônia, ela propõe um deslocamento da epistemologia para a ontologia, ou seja, do modo como acessamos o conhecimento e o recortamos do mundo para pensarmos, de fato, o próprio modo de existência deste mundo e das suas coisas e pessoas, humanas e não humanas.

Para nossa reflexão, aqui, importa saber que Viveiros de Castro (2007) nos apresenta um mundo onde admite-se a existência de vários mundos, formados a partir das várias perspectivas dos múltiplos seres que o compõem. A isso o autor chama de Multinaturalismo, um contraponto ao Multiculturalismo, forma usual de entender a existência e a apropriação do mundo, a partir do Ocidente.

No Multiculturalismo, a ideia é a de que existe um único mundo e formas diferentes tanto de olhar para ele, como de entendê-lo e de apreendê-lo. Essas maneiras diferentes estão diretamente ligadas aos diferentes lugares geográficos, culturais, conceituais e das mais diversas ordens que os seres humanos vivem e das, conseqüentemente, diferentes maneiras que se subjetivam. Essas diferenças, no entanto, não mudam o mundo em si, que é único e fixo. Elas mudam apenas as maneiras de apropriação.

Na perspectiva Multinaturalista, os povos originários consideram que o mundo não é único, nem fixo. Cada ser cria seu próprio mundo, a partir do seu ponto de vista. O que existe de fixo ou de igual, para todos, é a alma (em uma analogia a um conceito ocidental). Ela é única para todos os seres: todos os entes da floresta, humanos ou não, compartilham disso, tem um âmago em comum em torno do qual se fazem corpos diferentes. Os corpos diferentes são os responsáveis não por apreender o mundo de forma diferente, mas por criar mundos diferentes a partir de suas perspectivas, porque se “o sítio da diferença de perspectiva para os europeus é a alma (...), para os índios, é o corpo.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, pp.241). Assim, sendo corpos diferentes, habitam mundos diferentes, porque criam esses mundos a partir dos seus olhares, a partir dos seus corpos. Ou seja, não existe um único mundo e formas diferentes de se apropriar dele, mas as perspectivas diferentes de apreender as coisas, criam mundos diferentes.

Corpos parecidos criarão mundos parecidos, à medida em que, convivendo socialmente entre seus iguais, os códigos, assim como a perspectiva a partir da qual existem, é compartilhada. Corpos diferentes criam mundos diferentes. E uma mesma coisa pode significar coisas diferentes em mundos diferentes.

Partindo dessa ideia inaugural de existência, não existe o empenho em reduzir as diferenças, mas antes, o entendimento de que elas são irreduzíveis, assim como os mundos. E possíveis de existir sem se excluírem. Uma ideia da diferença como algo a ser compartilhado, não no sentido de se chegar a um denominador comum, mas de assumir que as coisas não podem ser capturadas e/ou apreendidas de uma mesma maneira e por um único ponto de vista que sirva para todos.

Nessa lógica, as relações também se estabelecem a partir da diferença. Ou melhor, a partir do reconhecimento das diferenças e de suas irreduzibilidades. Ela não é o que determina a existência da relação, mas o seu reconhecimento sim. Porque é a partir dele que a necessidade da negociação se coloca para uma não exclusão de pontos de vista.

Um exemplo disso, são os rituais xamânicos de cura. Neles, à grosso modo, um pajé, ou xamã, que é o ser autorizado a conduzir esses rituais, atravessa para o mundo dos seres que trouxeram a doença de determinado ente, humano ou não, para negociar a sua cura. Eles saem do seu mundo e adentram outro, cientes de que encontrarão a diferença e que é com ela que precisarão entrar em acordo, para que o ser do seu mundo tenha a saúde devolvida e para que os seres do mundo da doença não o engulam.

Para esse atravessamento de mundos, no entanto, o pajé ou xamã não pode ir inteiramente com o corpo que ele tem no seu mundo, porque será facilmente reconhecido e não terá a chance de negociar. Voltará sem a cura do doente, ou talvez nem voltará. Ele precisa, para isso, se transmutar, se transformar em um ser parecido com o do outro mundo. Mas não totalmente. Ele precisa manter em si características que o conectem com quem ele de fato é, para conseguir retornar e traduzir no seu mundo o que resolveu no outro. No caso, a cura de quem estava doente.

Esse processo só é possível porque nele não existe a intenção de redução das diferenças desses dois mundos, mas o entendimento de que não são iguais, de que suas diferenças são irreduzíveis e de que é justamente isso que funda essa relação. Além disso, sabe-se que ambos precisam permanecer existindo para manter o equilíbrio da existência em sua multiplicidade, da floresta e de todo o cosmos. Ao entendimento da diferença como elemento fundante da relação, Viveiros de Castro chama de equivocação.

Por equívoco, aqui não se entende conflito, mas o contrário de unívoco. Uma relação unívoca seria aquela em que apenas uma perspectiva aparece. Uma relação estabelecida a partir do equívoco, ou da equivocação, seria aquela em que várias perspectivas estão em negociação, se mostrando e se recuando na medida necessária para que um ponto de vista não se sobreponha a outro de forma exclusivista. E em que é assumido que uma coisa não é a mesma em mundos diferentes.

Logo, o que um mundo entende sobre um elemento e que se difere do entendimento do outro mundo sobre o mesmo elemento, não é um erro, mas uma diferença pers-

pectiva, um equívoco que, assumido, abre espaço para a relação. Assim, “a equivocação não é aquilo que impede a relação, mas aquilo que a funda e a impulsiona: uma diferença de perspectiva.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, pp.256). É o reconhecimento da diferença de perspectiva, da equivocação, é o que permite que exista uma negociação de cura entre o xamã e o ser do outro mundo que levou a doença a alguém da comunidade.

Para o jornalista Evandro Medeiros Laia, no entanto, para além das relações estabelecidas nos contextos ameríndios em que Viveiros de Castro se inspirou, “o equívoco seria a condição primeira de toda e qualquer relação social, portanto, de todo ato comunicativo (...)” (LAIA, 2022, p.7). É a partir dessa ideia que, em parceria com Lara Linhalis (2021), ele propõe a ideia de uma comunicação pelo equívoco, sugerindo que a comunicação seja algo efetivamente possível apenas a partir do reconhecimento de que o não entendimento é o seu ponto de partida, e não o consenso, “(...) uma comunicação na qual a diferença não é reduzida à identidade, ou seja, uma ontologia plana que respeite os modos diversos e por vezes intraduzíveis de existência” (LAIA, 2019, p.145)

Para eles, na ausência do reconhecimento e do respeito às diferenças, o que se estabelece são discursos unívocos. O que não é um processo comunicativo de fato, mas uma sobreposição de vozes e de pontos de vista.

Considerando as multiplicidades de perspectivas e existências que se constroem no mundo, com suas particularidades e demandas, a ideia de univocidade nos processos de comunicação, seria a ideia da incomunicabilidade, visto que a homogeneização de discursos infere o calar de vozes, sobretudo as dissonantes e/ou das margens. Ao contrário, quando se estabelece uma comunicação/relação pela diferença, se estabelece o entendimento de que várias vozes são possíveis, porque várias perspectivas e, conseqüentemente, vários mundos são possíveis.

E as negociações são justamente o que tornam as comunicações possíveis a partir do reconhecimento do equívoco como elemento fundante das relações. O que consideramos, para esse agenciamento que propomos, o terceiro elemento na circularidade do processo Máquinas de Guerra - Revoluções Moleculares, configurando-o como Máquinas de Guerra - Negociações - Revoluções Moleculares.

Dizer da existência de negociações para que as revoluções moleculares aconteçam, no entanto, não significa dizer que elas acontecem pelo recuo por livre vontade ou consciência dos sujeitos das perspectivas dominantes, para que os subjugados pelo sistema tomem seus lugares de direito. Mas é justamente o contrário. Nesse processo, as máquinas de guerra precisam cavar os lugares nas frestas, nas dobras do que é vigente, para que tomem então esses espaços e tornem as negociações inevitáveis. Ou seja, nas brechas que as perspectivas vigentes deixam no sistema, atuam as máquinas de guerra, alargando-as, para que se instaurem ali formas de existir às quais esses lugares não

pertencem na divisão colonial de parcelas do mundo. E depois de instauradas (de formas moleculares), essas existências que tomaram pedaços para si, por direito, obrigam os sistemas sociais, culturais, políticos, excludentes e exclusivistas a se reverem diante da não mais exclusividade desses lugares. Essas são as negociações.

2.4 Máquinas de Guerra - Negociações - Revoluções Moleculares

Nos primeiros tempos como mediador entre o Jacarezinho e as passarelas de moda, a atuação de Júlio César, que se restringia a organização dos desfiles na comunidade, seleção das meninas e posterior encaminhamento para as agências da zona sul do Rio, não era suficiente para efetivar a real entrada daqueles corpos periféricos no mundo da moda. Isso, porque a mediação inicial não atuava considerando as diferenças de códigos dos dois lugares e, mais que isso, a necessidade de uma espécie de tradução. Não que os agentes desse processo desconhecem essa realidade, mas talvez desconhecem que o acesso tinha muito mais nuances do que se apresentava inicialmente, e demandava muito mais que a seleção das meninas na favela. Nesse momento, embora já tenham sido identificadas algumas brechas no sistema vigente, talvez ainda não existam negociações, ou, pelo menos, o equívoco ainda não é reconhecido. O que torna os intentos de entrada no mundo da moda passíveis de serem capturados pela voz que já soa uníssona no mundo da moda, sob a mais comum das justificativas: não se encaixa no perfil.

Quando Júlio César organiza uma estrutura de profissionais multidisciplinares para orientar as pessoas selecionadas no desfile quanto aos códigos do seu e do outro mundo, os equívocos começam a ser reconhecidos, porque as diferenças começam a ser assumidas: os mundos não são os mesmos, uma coisa na favela não é, necessariamente, a mesma coisa na zona sul do Rio, por exemplo, ou no próprio mundo da moda. Precisa-se de traduções.

Movimento decolonial por excelência que, erguendo-se de dentro da própria realidade que busca uma intervenção em um circuito excludente e exclusivista (no caso, a moda de passarela), configura-se também, como uma molécula pontual de revolução.

Para traduzir, no entanto, é necessário conhecer, um pouco que seja, os códigos do outro mundo. Para atravessá-lo, é necessário se vestir um pouco com a roupa do outro, se transformar, transmutar, de alguma maneira, em alguma coisa parecida com os seres do outro mundo. Mas é necessário, também, não se transformar inteiramente no outro, sob o risco de ser capturado por ele e reduzido a um igual. A estratégia usada para isso, na experiência da Jacaré Moda, é a apreensão dos códigos do mundo da moda pelos modelos, a partir do fortalecimento de referenciais da própria favela, que se abre como um espaço

físico e conceitual para essa discussão. Uma estratégia de pontuação da diferença a partir da equivalência: ao mesmo tempo em que traz o que é necessário e novo, preserva o que já existe, e coloca ambas as perspectivas em horizontalidade. Garantindo, com isso, que os modelos se transformem um pouco nos seres do outro mundo que acessarão, mas permaneçam tendo características do seu mundo, para poderem ir e voltar, sem serem capturados e terem suas diferenças reduzidas.

As brechas, identificadas lá no início, são alargadas aí. E as negociações se tornam possíveis quando os corpos da favela se instauram de fato nos desfiles de moda. Obrigando toda uma estrutura, acostumada com a homogeneidade firmada em bases eurocentradas desse circuito, à uma visualidade múltipla em termos de corpos, cores, contornos, texturas e existências.

3 CONCLUSÃO

A proposta de pensar as negociações existentes no caminho favela-passarela inspirados nas revoluções moleculares, nas máquinas de guerra e no perspectivismo ameríndio, nos levou a uma construção conceitual em que as três formam uma espécie de circuito que se retroalimenta. Uma leitura possível do fenômeno de chegada de corpos periféricos no mundo da moda que, a nosso ver, oferece um respiro em relação às formas que privilegiam unicamente as perspectivas eurocentradas de entender o mundo e suas construções. Uma leitura possível também a outros circuitos em que a inserção da diferença desestabiliza as bases de estruturas firmadas em processos excludentes e exclusivistas.

Embora diferentes em termos perspectivos, consideramos possível juntar essas duas abordagens de mundo nesse agenciamento por, pelo menos, três motivos. O primeiro deles é o próprio fato de serem diferentes, o que já nos coloca no lugar de exercitar a elaboração de um pensamento em que elas não se excluam e que, condiga assim, com o que é defendido ao longo de todo o desenvolvimento desse escrito. O segundo diz respeito ao fato de serem duas perspectivas que, além de diferentes, partem de mundos diferentes: ameríndio e europeu. O que convoca, em alguns momentos, traduções ou analogias e condiz, por isso, com o tema abordado em si. O terceiro é porque ambas têm na ideia da diferença e, no que toca à sua impossibilidade de redução, um ponto de encontro. Tendo no corpo, no sujeito, o agente dessa diferença. O que nos leva ao biopoder. Que é aqui a lente a partir da qual escolhemos olhar para a chegada dos corpos periféricos no mundo da moda.

Vale ressaltar que, quando escolhemos olhar esse fenômeno a partir da sua nuance de biopoder, não nos passa despercebido que questões de ordens mercadológi-

cas e seus desdobramentos (econômicos e legais) também permeiam esse movimento no mundo da moda. E nem poderíamos estar desatentos a isso, diante do lugar que esse aspecto do fenômeno ganha no mercado global, pronto para capturá-lo e transformá-lo em ideologia empacotada para o consumo, como faz com tantas outras referências, movimentos e levantes oriundos das margens. O que nos interessa aqui, no entanto, é o que vai além dessa discussão, e toca na potência que se instala no movimento de deslocamento de corpos periféricos para lugares não previstos para eles. É isso que acreditamos ser a maior força do movimento em si, porque aí instala-se o seu aspecto de transformação de realidade.

Os corpos da periferia aparecem agora nas passarelas de moda. E muito embora eles ainda não apareçam em um número proporcional ao que existem na realidade, esse número já é maior do que era há poucos anos atrás. E ao que nos parece, isso acontece não só nesse, mas também em outros circuitos historicamente reservados aos corpos privilegiados pelo sistema. O que balança, de alguma maneira, a organização anterior desses lugares. E obriga aqueles que o detinham a negociar o que antes era exclusivos e que agora começam a ser divididos com a diversidade de cores, texturas, traços e existências que, embora esteja na base de suas construções, nunca usufruiu, de fato, deles.

E ainda que, por hora, essas vozes, esses corpos periféricos ainda cheguem nesses lugares em um número pequeno, eles estão chegando. Quando chegam mostram que existem. E isso é o suficiente para o rompimento inicial com o apagamento ao qual estão sujeitos desde a colonização.³

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992 – 232 p. (Coleção Trans)

DOMINGOS, Emílio R. S. **Favela é Moda: uma etnografia de uma agência de modelos periférica**. Ana Lucia Enne, orientadora. Niterói, 2019. 116 f. Disponível: https://www.academia.edu/45147221/FAVELA_%C3%89_MODA_UMA_ETNOGRAFIA_DE_UMA_AG%C3%8ANCIA_DE_MODELOS_PERIF%C3%89RICA. Acesso em 10/05/2022

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

³ Renata Juliana Oliveira Fernandes, jornalista. E-mail: renatajof@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8756392636600708>

LAIA, Evandro José Medeiros. **Comunicação pelo Equívoco: anotações para uma teoria plana e em rede.** In: PRADO, Jan Alyne Barbosa; SATUF, Ivan (orgs). Comunicação em Ambiente Digital. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2019

LAIA, Evandro J M; LINHALIS, Lara. **O intempestivo na televisão: miudezas e torções na cobertura de protestos entre junhos.** In ROCHA, Adriano Medeiros da; LAIA, Evandro José Medeiros. Audiovisual revolucionário. São Paulo: Editora dos Frades, 2021

LAIA, Evandro José Medeiros. **Lives na pandemia: rumores sobre a produção de equívocos em narrativas autônomas.** In: III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação. V Encontro de Comunicação de Parintins. Universidade Federal do Amazonas: junho de 2022

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena.** In: DANOWSKI, Déborah, PEREIRA, Luiz Carlos (org.). Revista “O que nos faz pensar”, n.18. Rio de Janeiro, RJ: Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, 2004. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/197>

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Filiação intensiva e aliança demoníaca.** In: Novos estudos - CEBRAP [online], n. 77, 2007, pp.91-126.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A antropologia perspectivista e o método da equivocação controlada.** Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 5 (10): 247 - 264, agosto a dezembro de 2018. ISSN: 2358-5587. Disponível em: https://www.academia.edu/5164633/Viveiros_de_Castro_Filia%C3%A7%C3%A3o_intensiva_e_alian%C3%A7a_demon%C3%AAdaca Acesso em 19/08/2021

Sites:

<http://grupodeestudosdeleuze.wordpress.com/2012/06/06/caosmose-1/> Acesso em 06/06/2012

Data de submissão: 15/07/2022

Data de aceite: 07/11/2022

Data de publicação: 24/11/2022

